

JOEL PAILOT, PRESIDENTE DA COFACE DO BRASIL

Esandro Monteiro



Enquanto o Brasil melhorou sua posição no rating de risco para negócios, os países europeus foram rebaixados, diz Joel Paillot, presidente da Coface, especializada em seguro de crédito, que elevou a capacidade de aceitação de riscos no país de € 8,5 bilhões para € 10 bilhões. — P40

## EDITORIAL

### O início de um novo ciclo nas telecomunicações

Foram semanas de expectativa, para o público em geral, principalmente depois que o governo português resolveu desengavetar sua "golden share" e barrar a venda da Vivo pela Portugal Telecom (PT) para a Telefónica. Ontem, no entanto, a negociação foi finalmente concluída.

A operação envolveu também a compra, pela PT, de 22,4% de participação direta e indireta na Oi. O custo foi de R\$ 8,44 bilhões. A compra da empresa brasileira foi uma forma, na verdade, de viabilizar o negócio inicial envolvendo a Vivo. Para Henrique Granadeiro, presidente do conselho de administração da PT, as negociações foram "complexas, duras e difíceis". Garantiram, no entanto, a satisfação dos interesses de todas as partes, como relatamos a partir da página 4.

#### As negociações foram "complexas, duras e difíceis", mas garantiram os interesses de todas as partes

A entrada da PT na Oi será feita pela porta de dois de seus acionistas: a AG Telecom e a La Fonte Telecom, que têm a maior participação na Telemar, holding que controla a empresa brasileira. A PT também adquirirá 10% do controle direto na holding.

A entrada indireta, neste primeiro momento, acabou tendo um resultado negativo para os acionistas da Oi. As ações tanto ordinárias quanto preferenciais da empresa caíram 15,99% e 11,29%, respectivamente, durante o pregão na BM&FBovespa de ontem. Foram as maiores perdas do dia na bolsa paulistana.

Para a operadora espanhola, a fusão com a Vivo permitirá que passe a oferecer pacotes integrados de serviços, que podem incluir telefonia fixa e móvel, acesso à banda larga e TV por assinatura. É o que fazem suas concorrentes no Brasil, a Claro/Embratel e a Oi. É também a tendência mundial. Começa agora, como diz um consultor, a era das empresas multisserviços, ou multimídia, que tomam o lugar das operadoras de telefonia. ■

# Coface aumenta capacidade de seguro de crédito para o Brasil

Seguradora elevou rating do risco brasileiro e, com isso, ampliou a capacidade de aceitar riscos em € 1,5 bi

Thais Folego  
tfolego@brasileconomico.com.br

Depois de um ano difícil em 2009, com muitos sinistros decorrentes da crise, o mercado de seguro de crédito está se recuperando neste ano, mas já há quem esteja aumentando sua capacidade para capturar as oportunidades que a economia do país oferece. É o caso da Coface, seguradora de origem francesa especializada em seguro de crédito, que acabou de aumentar sua capacidade de aceitação de riscos brasileiros de €8,5 bilhões para €10 bilhões.

O seguro de crédito de riscos comerciais cobre as vendas a crédito realizadas entre empresas comerciantes, em vendas domésticas ou ao mercado externo. Se a empresa segurada não receber do cliente um pagamento, a seguradora o indeniza.

O presidente da Coface do Brasil, Joel Paillot, explica que a decisão pelo aumento da capacidade levou em conta a elevação que o Brasil teve no Country Risk Rating da Coface, uma análise com indicadores que classificam o nível de risco de transações realizadas por empresas em um determinado país. Esses indicadores medem como os negócios são influenciados pelas perspectivas econômicas, financeiras e políticas. O Brasil passou de A4 para A4+ neste mês (veja mais no quadro ao lado), muito por conta do desempenho da economia durante a turbulência do ano passado.

"Se a economia se conservar estável nos próximos meses, elevaremos o Brasil para A3 no final deste ano ou em 2011", diz Paillot. A revisão das notas é feita a cada trimestre. "Na América do Sul, o único país que tem classificação melhor do que o Brasil é o Chile, com a A2", comenta. Segundo ele, enquanto o Brasil sobe na avaliação, quase todos os países europeus tiveram suas notas rebaixadas, na maioria de A1 para A2.

O mercado de seguro de crédito brasileiro ainda é pequeno, se comparado ao tamanho da economia do país. A modalida-



Para Joel Paillot, da Coface, demanda de empresas brasileiras por seguro de crédito tem aumentado para minimizar riscos comerciais

**Líder do mercado, seguradora revisou sua carteira no ano passado para diminuir o risco e, agora, voltar a expandir**

de de risco comercial para crédito doméstico teve receita de R\$ 129 milhões em prêmios no primeiro trimestre, tendo a Coface 26,3% de participação. Já a modalidade de crédito à exportação teve faturamento de R\$ 10 milhões no período.

Hoje, a maioria das empresas que possui esse seguro é europeia com operação no Brasil, já que a modalidade é muito popular no Velho Continente. "Mas cada vez mais brasileiras estão procurando por essa proteção", diz Paillot. Principalmente as que têm uma parte importante de sua receita concentrada em poucos clientes.

#### FATURAMENTO

**R\$ 129 mi**

foi a receita com prêmio de seguro de crédito doméstico no 1º trimestre. Na modalidade crédito externo, foi de R\$ 10 milhões.

#### COFACE

**R\$ 34 mi**

foi o faturamento da Coface no primeiro trimestre, o que lhe rende uma participação de 26,3% neste mercado.

Por conta do grande nível de sinistros no ano passado, a Coface fez uma revisão na sua carteira de clientes, cancelando a cobertura de empresas com maior risco, reduzindo as de médio risco e mantendo as com boa análise de crédito. Em 2009, enquanto o faturamento do mercado foi de R\$ 260 milhões em operações domésticas, os sinistros bateram nos R\$ 250,8 milhões. No crédito externo, a receita foi de R\$ 31,9 milhões e os sinistros de R\$ 49,5 milhões. Em 2010, segundo Paillot, a expectativa é que o faturamento seja estável, para retomar o crescimento em 2011. ■

#### SAIBA MAIS

#### Entenda o Country Risk Rating da Coface

O Country Risk Rating é uma análise de risco país. A classificação é baseada:

- perspectiva econômica, política e financeira do país (desenvolvimento geopolítico, vulnerabilidade econômica, risco de crise de liquidez do câmbio, inadimplência de dívida externa, vulnerabilidade financeira do Estado e fragilidade do setor bancário);
- Clima empresarial;
- Histórico de pagamento de uma empresa. Os países são divididos em sete categorias: A1, A2, A3, A4, B, C e D. O A1 é o melhor ambiente político, econômico e comercial, que tem influência positiva no comportamento de pagamento corporativo. O D é o pior cenário.